

Editorial

Editorial

Gabriel Filipe Santiago Cruz^I , Raphael Argento de Souza^{II} 

Em uma recente polêmica envolvendo as eleições para a Academia Brasileira de Letras, o jornalista James Akel^I, ao defender sua candidatura em relação a Mauricio de Souza, criador da Turma da Mônica, causou um alvoroço por meio da mídia e das redes sociais com a afirmação “Quadrinho não é literatura.”. Apesar da polêmica, o episódio levantou uma série de debates nas redes entre fãs, intrometidos e, é claro, estudiosos sobre o tema.

E um dos debates que chamou a atenção foi uma ala que dizia que não era necessário que os quadrinhos tivessem que pedir permissão à literatura para serem dignos de se tornar um campo de estudo. Apesar de utilizarem plataformas e suportes em comum quando apreciados, ambos têm características próprias e, em muitos casos, acabam dialogando e tendo suas intercessões em outros campos.

Essa discussão nos fez pensar que com a animação não é diferente. Em geral, podemos pensar na animação inserida no campo do cinema e como um gênero deste, como é comumente conhecida, porém esse não é o único espaço por onde ela transita. Livros podem carregar animações (como nos *flipbooks*), jogos eletrônicos carregam animações entre uma fase e outra (isso quando o próprio jogo não é, em si, uma animação), o retorno dos *long-plays* (também conhecidos como disco de vinil) pode nos permitir assistir animações em zootrópio enquanto escutamos nossas bandas e cantores favoritos. Enfim, a animação, com seu estilo e signos próprios, não precisa ser nenhuma dessas outras formas de interação com o ser humano para ter seu próprio campo de estudo.

É em cima dessa reflexão que esta nova edição da revista *Diálogo com a Economia Criativa* traz mais um dossiê, o terceiro, com trabalhos completos, apresentados no mais recente Seminário Brasileiro de Estudos em Animação (SEANIMA) e que demonstram, mais uma vez, a riqueza e a diversidade de áreas com as quais a animação pode dialogar.

Nesta edição, a animação dialoga com a história e a antropologia no trabalho intitulado “A animação japonesa e sua marca de distinção no ocidente”. Nela, Gustavo de Melo França aborda como a compreensão da animação japonesa no mercado norte-americano foi construída por meio de uma visão estereotipada e orientalista, criando inclusive uma releitura do termo “anime” em relação ao próprio país de origem.

1 Reportagem “Gibi não é Literatura.” Diz James Akel, que disputa vaga na ABL. Disponível em <https://veja.abril.com.br/cultura/gibi-nao-e-literatura-diz-james-akel-que-disputa-vaga-na-abl> . acessado em 02 out. 2023

^IUniversidade Federal Fluminense, Departamento de Cinema e Vídeo – Rio de Janeiro (RJ), Brasil.
E-mail: prof.gabrielcruz@gmail.com

^{II}Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro, Curso de Neuroeducação – Rio de Janeiro (RJ), Brasil. E-mail: raphael.souza@ifrj.edu.br

Recebido em: 17/10/2023. Aceito em: 17/10/2023.

O encontro entre as áreas da animação e da educação é apresentado em dois outros trabalhos: de Daniel Grizante de Andrade, que traz a presença da linguagem animada nos museus em “Impressões da realidade no museu: o uso de animações por espaços de memória”, e de Jean Cerqueira, que vai abordar a própria questão do ensino de animação em cursos de cinema durante a pandemia em estudo de caso feito na Universidade Federal de Sergipe.

A relação da animação com a ilustração está representada no trabalho de Antônio Fialho, que aborda a relação da linguagem cartunesca com a representação de movimento tomando por base os princípios da animação de Thomas e Jonston e a estrutura de Williams no trabalho “FORMAS ANIMADAS: o movimento desenhado na animação cartunesca”.

Não vão faltar representantes do diálogo cinema e animação: Maria Luiza Correa da Silva faz uma análise fílmica da produção *Chá de Sangue e fio Vermelho*, de 2006, trazendo uma ótica sobre a visão feminina em personagens de animação de horror. Já Eliane Muniz Gordeeff vai falar sobre as semelhanças e diferenças entre animação e cinema de vida real e suas implicações.

O jornalismo, sobretudo no campo da crítica, vem realizar seu diálogo com a animação no trabalho de Celbi Pergoraro, que aborda a necessidade da importância do conhecimento das técnicas animadas para abordagem crítica dos filmes de animação em ensaios e críticas jornalísticas sobre o assunto.

Os textos sobre animação se encerram com uma entrevista-homenagem: uma entrevista realizada em 2014 e nunca publicada com Pedro Ernesto Stilpen, o Stil, animador independente que pertenceu aos grupos fotograma e NOS entre as décadas de 1960 e 1980, e que trabalhou em projetos como “Pluft Plact Zoom” e “Armação Ilimitada”, na Rede Globo. Nesta ocasião, junto a Luiz Felipe Vasques e Gabriel Cruz estava também o roteirista e quadrinista Carlos Eugênio Baptista, o Patati (que faleceu em 2018), ocasião que foi a possibilidade de encontro e um rico diálogo de dois grandes profissionais dos quadrinhos e da animação. A publicação dessa entrevista se torna então não só um grande exemplo de contribuição entre essas áreas, como também uma grande homenagem a esses dois gênios que já nos deixaram há alguns anos (Stil faleceu um ano depois de Patati, em 2019).

Por fim, a revista encerra com dois artigos livres no campo da economia criativa: “Intercâmbio cultural na economia criativa: laços fracos e fortes em feira agroecológica”, no qual é apresentada a importância desses laços em estudo de caso de intercâmbio rural-urbano entre produtores e consumidores de uma feira em Várzea (bairro periférico de Recife, Pernambuco), e “Cidades criativas e a inovação pela coprodução de serviços públicos: uma análise a partir da teoria da localização”, em que é realizada uma análise sobre a possibilidade de as cidades criativas serem mais passíveis de inovar no setor público por promover a coprodução de serviços públicos.

Assim, despretensiosamente, a Revista *Diálogo* procura apresentar nesta edição as múltiplas facetas desse cristal, ainda em fase de lapidação, que é a animação, cada qual com uma característica: linguagem, crítica, criatividade, diálogos com outros campos do conhecimento, o distanciamento e a aproximação com a vida

real. Ao mesmo tempo, deixa resplandecer o brilho das luzes, que apesar de terem se apagado de nosso convívio, ainda estão presentes por meio dessa história que continuamente é construída e reconstruída. Aos nossos queridos Stil, Eliseu e Carlos Patati, a nossa homenagem.

REFERÊNCIA

PECHY, A. "Gibi não é literatura". Diz James Akel, que disputa vaga na ABL. Revista **VEJA**, São Paulo (online), abr. 2023. Disponível em <https://veja.abril.com.br/cultura/gibi-nao-e-literatura-diz-james-akel-que-disputa-vaga-na-abl>. Acesso em: 02 out. 2023.

Sobre os autores

Gabriel Cruz: membro fundador do Seminário Brasileiro de Estudos em Animação (SEANIMA), doutor em Design, professor adjunto do Departamento de Cinema e Vídeo e pesquisador colaborador do Programa de Pós-graduação em Cinema (PPGCINE) da Universidade Federal Fluminense.
Raphael Argento: coordenador do Núcleo de Inovação em Realidades Digitais (NIRD-IFRJ), doutor em Design, professor do Curso de Pós-graduação em Neuroeducação e pesquisador do SinapseLab e do Programa de Pós-graduação em Ensino Profissional e Tecnológico (ProfEPT) do IFRJ *Campus* avançado Mesquita.

